



## A ÁFRICA MÍTICA DE CRUZEIRO SEIXAS

Ocorreu-me olhar para estes poemas, na maioria nascidos em África, procurando sinais evidentes desse local mítico. Assim foi com muita satisfação que seleccionei estes poemas que, a mim que desconheço África, me trazem aquela vastidão, tanto exterior quanto interior.

Cruzeiro Seixas viveu África apaixonadamente, e é de resto sempre de paixão que nos fala ; a literatura vem por acréscimo. Ouvi-o dizer que "quem não vive apaixonadamente já morreu". Em África viveu apaixonadamente 14 anos, e lá realizou duas exposições, (1953 e 1955), que também elas foram poesia, tendo como patronos numa delas Aimé Césaire e na outra Lautréamont. É necessário que seja de facto enormíssimo o dom que temos para esquecer ou adiar, pois estas exposições são locais de intensa história, na totalidade da História, não apenas na história da arte. Mas esta poesia como esta pintura podem esperar.

O surrealismo é uma voz que assusta ainda muita gente, que aqui tudo faz para o ocultar, mas quer queiram quer não, o surrealismo diz sempre mais do que eu saberia dizer neste espaço limitado.

Cruzeiro Seixas não canta a negritude, canta a liberdade ! Lembrome de me contar a corrente ininterrupta de visitantes vindos dos musseques, o que era uma aventura em tempos tão colonialistas, <sup>into a piece</sup> 2ª expo, principalmente de "Objectos" que tinham muito a ver com o seu amor pelas coisas que geralmente consideramos lixo. Já em 1883, Van Gogh, reconhece numa carta a seu irmão. "A beleza de um anjo habita no inferno", diz Teixeira de Pascoaes, que sentiu África através da aventura de um irmão muito querido que em 1900 trocou Amarante pela selva, deixando inúmeras lembranças vivas, naquele obsidiante solar de Gatão.

Diz Cruzeiro Seixas que o que pintou e escreveu são apenas fragmentos ; "São fragmentos o que o meu dia a dia me dá ; fragmentos de amor, fragmentos de genio, fragmentos de sonho etc, etc..., neste fragmento de país". Por aqui seguimos, cegos pela intensidade da luz. Creio que é Jean Paulhan que refere "o furor poético do surrealismo", e creio eu que é esse furor que passa nesta poesia como passa nessa África afinal ainda subjugada.

Em África nasceram os "Objectos" de Cruzeiro Seixas e nasceu a poesia ; "objectos e poesia, armas mais eficientes na construção do futuro do que tanques, submarinos, bombardeiros etc ~~etc~~ que semeiam a morte, enquanto Cruzeiro Seixas, incansavelmente, semeia LIBERDADE !

Talvez um dia seja possível juntar estes poemas aos 470 desenhos da mesma época oferecidos pelo seu autor á Biblioteca Nacional ; então se encontrará África, tão inteira quanto possível, pelo menos assim o espero de todo o coração.

Isabel Meyrelles

(Junho 2003)



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA



**PRIORITAIRE**  
**PRIORITY**



UNIVERSIDADE 01-226-30  
DE ÉVORA

Mr. Artur do Bastião Sitas

Rua da Rosa, 152 - 3º

1200 - 389

Seis boa

Parlayal



15/3/2009

Meu querido Artur, estou  
desolada com este desaparecimen-  
to da última página,  
que fechava com chave  
de ouro o teu prefácio.  
Deus tem vezes a volta  
à casa, cada  
juntar vai o seu esboço,  
lá passamos ao com-  
putador as nossas primeiras  
páginas. Desulpa, beijos  
uma vez.

Fua sempre  
Dade

Hoje já não se trata de pensar as palavras mas de pensar as letras uma a uma. E é de símbolos que se trata, mesmo que seja por demais pequeno e esconso o nosso espaço.

Queria escrever um prefácio. Mas o que vejo em primeiro plano é a mão da Isabel Meyrelles a conduzir o Tejo através de Paris – a mesma mão que atravessou as nossas vidas nos tão distantes anos 40, quando aquilo que pomposamente se designava como seu atelier, ali ao Cais Sodré, era a patria possível de todos nós, pois a outra estava nas mãos das polícias. Com a Isabel todas as descobertas eram possíveis, até a transcendência do quotidiano. Verdade que tínhamos vinte anos, e sonhávamos com a liberdade em tamanho natural. Cada dia, cada noite eram pura invenção. A liberdade era muito mais a nossa, do que a dos escassos livros que então tínhamos lido. Seguíamos em frente ; nesse tempo não tínhamos nada de que nos arrepender. Vivia-se intensamente nos cafés, que eram inúmeros, espalhados por toda a cidade, ou seja do Chiado ao Chile, distâncias quase sempre vencidas peripateticamente para mais um aprazado encontro. Mas é preciso não esquecer que uma jovem num café, era, naquele tempo um perigoso atentado à moral vigente!

A Isabel era de facto uma personalidade. Vinda de um Porto dividido apenas em duas camadas sociais, não hesitou um momento nas compalhas a escolher. Era a Natália Correia, nessa altura no esplendor da sua beleza, era Eugénio de Andrade, eramos nós, "Os Surrealistas". Lembro-me ainda do Olavo de Eça Leal, e de um muito gentil flautista da Orquestra Sinfonica Nacional, o Luis Bulton, que, pelo menos uma vez, tocou para nós entre a mata, as dunas et o mar iluminado pelo luar, na Costa da Caparica.

Se refiro em excesso o passado, é porque tenho 83 anos, e porque a Isabel era ÚNICA.

E-me difícil falar apenas dela, pois ela era todos nós ; estava grávida de liberdade ! Parece-me que a metafísica deste dia a dia era muito mais importante do que o que ia ficando em obra realizada. Mas as mesas dos cafés arfavam de poesia. Os primeiros poemas de Cesariny eram gatafunhados nas contracapas dos livros que nos chegavam às mãos, poemas que a voragem dos tempos esqueceu.

Nada do que vos digo é novo. E não sei quanto tempo será ainda desesperadoramente necessário para que algo de realmente novo seja de facto tão visível como o foram (ainda o são !) Picasso ou Chirico, André Breton ou Jean Genet.

Tento escrever um prefácio, mas que fazer se julgo que a vida de todos os dias não é inferior à chamada "obra de arte" ? O que se mostra da Isabel são estas esculturas, mas, por certo, não menos escultórico é o que não está nesta sala iluminada pelos projectores, e são sonhos, hesitações, relâmpagos...

As nossas vidas seguiam ruas sem sinalização e tudo tinha a cor intensa da descoberta. Como era pouco o que chegava as livrarias e às salas de exposições, reinventávamos Dada, reinventávamos o Surrealismo. Mas sempre a Isabel era como uma bandeira agitada pelo vento ; apesar disso, talvez que a sua vida seja como um biombo que a esconde. Lembro-me de Roger Caillois sugerir que o mistério da Gioconda de Vinci está mais na ausência de sobrancelhas e de pestanas, do que no desenho dos lábios. Quando qualquer coisa nos surpreende somos impelidos para uma espécie de fuga, e inventamos uma falsa razão. Isto dá a medida dos erros que todos os dias cometemos.

Em 1950 parti para África e a Isabel partiu para Paris, onde teve uma moto potente, onde sem escândalo fumou o seu cachimbo, onde fez amizade com a Greco. Tens fotos desse tempo, pergunto-lhe eu ? Ela segue em frente ; rasgou tudo.

À porta de sua casa morreu a princesa Diana. Ainda hoje se trata de um local de peregrinação, e quando ali chego, julgo sempre que aquela pequena multidão com as suas fores, homenageia a Isabel...

Por certo devo referir as esculturas. E ficaria bem falar da poesia publicada. Não o sei fazer, mas talvez preferisse falar do que ainda está dentro da Isabel.

Numa das casas onde habitou, Henri Michaux era seu vizinho, e assim pode guardar, num armário, toda a obra autografada desse enorme poeta

De facto o impossível não existe. Sei que o tesouro que as pessoas procuram está quasi sempre ao seu lado. Enfim, será necessario e extremamente urgente que a humanidade se convença que há coisas para compreender, e muitas outras para não compreender.

Gostaria de acrescentar modestamente ao belo prefácio de Artur do Cruzeiro Seixas uma breve evocação de todo este tempo em que acompanho ao vivo a obra escultórica de Isabel Meyrelles.

Tenho o privilégio de ver nacer das suas mãos aquelas formas unicas : personagens estranhos ou objetos que saiem do imaginário sem limites de uma artista fora dos centros de interesse convencionais da arte moderna.

Sim, existe uma magia na espontaneidade da criação de uma obra que nasce logo quase como obra acabada. Depois, claro, há um trabalho técnico, os numerosos pormenores, o requinte que faz de cada uma delas uma peça particularíssima. Penso que Isabel Meyrelles sempre abriu e continua a abrir portas sobre o universo do sonho,. Todo o seu trabalho é refrescante, longe do comum e convida o espectador a uma revelação diferente no plano do imaginário.

Muitas das suas personagens reflectem quando as contemplamos uma paz comunicativa, tão difícil de encontrar no nosso dia a dia. Por exemplo, a Licorne representa a graça, o bem estar, o descanso. O auto-retrato (Dragão) é uma figura serena e plena de humor. O revolver à cheveux blancs apura a ironia do conjunto num "piscar de olho" a quem conhece a obra do Breton. Mas não vou debruçar-me sobre cada peça, deixo ao público o prazer de as descobrir lentamente, também sob um certo sobresalto. Em suma, eis uma exposição de obras contra uma certa tranquilidade ...

*A par cela je parie (en français dans le texte ! ) que tous les visiteurs de l'exposition d'Isabel Meyrelles se sentiront comme " envoûtés ", car il n'y a pas une seule pièce, sortie de ses mains, qui ne soit envoûtante.*

Emilienne Teuli

março 2004

Isabel MEYRELLES  
10, avenue de New York  
75116 PARIS  
Tél./Fax : 01 47 20 22 31

*Prioritaire*

**PRIORITAIRE**  
**PRIORITY**

REPUBLIQUE FRANÇAISE  
75 LA POSTE PARIS ST G  
DES PRES  
15/03/04  
18H  
602 PC75710  
1,00 EUR  
6,56 FRF

*Mr. Artur do Cruzeiro, Sáez,  
Rua da Rosa, 152*

UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

*01.276.2)*

*1200 - 389*

*Lisboa  
Portugal*

Nada de que vos digo é novo. <sup>7</sup> e não sei quante tempo será ainda desesperadoramente necessário para que algo de realmente novo seja de facto tão visível como o foram (ainda o são!) Picasso ou Chirico, André BRETON ou <sup>Jean</sup> Genet.

Tento escrever um prefácio, mas que fazer se julgo que a vida de todos os dias não é inferior a chamada "obra de arte"? O que se mostra da Isabel são estas esculturas, mas, per certo, não menos escultórico é o que não está nesta sala iluminado pelos projectores, e são sonhos, <sup>h</sup>exitações, relâmpagos... As nossas vidas seguem ruas sem sinalização, e tudo tinha a ver intensa da descoberta. Em dada altura falou-se do casamento da Isabel e de Cesariny. Como era pouco o que chegava às livrarias e às salas de exposições, reinventávamos Dada, reinventávamos o Surrealismo. Mas sempre a Isabel era como uma bandeira agitada pelo vento; apesar disso, talvez que a sua vida seja como um biombo que a esconde. Lembro-me de Roger Caillois sugerir que o mistério da Gioconda de Vinci está mais na ausência de sobrancelhas e de pestanas, do que no desenho dos lábios. Quando qualquer coisa nos surpreende somos impelidos para uma espécie de fuga, e inventamos uma falsa razão. Isto dá a medida dos erros que todos os dias cometemos.

Em 1950 parti para África e a Isabel partiu para Paris, onde teve uma moto potente, onde sem escândalo fumou o seu cachimbo, onde fez amizade com a Greco. Tens fotos desse tempo pergunto-lhe eu? Ela segue em frente; rasgou tudo.

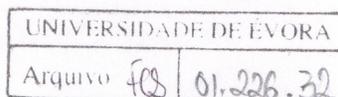
À porta de sua casa morreu a princesa Diana. Ainda hoje se trata de um local de peregrinação, e quando ali chego, julgo sempre que aquela pequena multidão com as suas flores, homenageia a Isabel...

Por certo devo referir as esculturas, <sup>é</sup> ficaria bem falar da poesia publicada. Não sei fazer, mas talvez preferisse falar do que ainda está dentro da Isabel.

Numa das casas onde habitou Henri Michaux era seu vizinho, e assim pode guardar, num armário, toda a obra autografada desse enorme poeta.

De facto o impossível não existe. Sei que o tesouro que as pessoas procuram esta quasi sempre ao seu lado. Enfim, será necessário e extremamente urgente que a humanidade se convença que há coisas para compreender, e muitas outras para não

Isabel MEYRELLES  
30, rue Remonteru  
91560 CROSNE  
(0)1 69 49 56 42



Crosne, 4 février 2009

Querido Artur, deixaste-me muito perplexa com a tua carta do dia 24, onde me perguntas uma serie de coisas sobre os teus desenhos e os que pertencem à Fundação, so tu e o Quadrado podem destrinçar o assunto e é melhor teres uma entrevista e porem preto no branco e que é teu e o que é deles, tens que ter em conta que depois da tua morte a Fundação vai deitar mao a tudo que nao tenha um destino marcado ja escrito. Quanto a deixares a casa da r. F.Pessoa à Fundação, acho que fazes mal, eles naturalmente vao guardar o apartamento para as vindas deles a Lisboa, vende-o tu a teu proveito e goza do teu dinheiro como entenderes. Vejo que estas sempre cheio de projectos de publicações com poemas e desenhos, se venderes a casa ja poderas publica-los à tua custa tambem teres um secretario que venha todos os dias por os teus pertences em ordem. Como ves esta ideia de venderes o tal apartamnto tem agua no bico e poderas realizar muitos projectos teus. O quadro que me enviaste é lindo e nos as duas agradecemos-re do fundo do coraçao a tua generosa oferta.

Um muito grande abraço da tua sempre amiga Isabel

**Adresse des amis canadiens :**  
**LA TORTUE LIEVRE**  
**2075 avenue Lincoln**  
**Appartement 9**  
**MONTREAL, (Québec) H3H 1J1**  
**CANADA**

